

A AUTORIDADE NOS PROCESSOS FORMATIVOS: CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DE UM GRUPO DE ESTUDOS ENTRE CALOUROS E VETERANOS DO INSTITUTO DE QUÍMICA DA UFG.

Jesse Misael Quinde SUAREZ, Instituto de Química, jm.suarez@uol.com.br

Anderson Almeida DIAS, Instituto de Química, andersonquimica87@gmail.com

Amanda Tavares NAVES, Instituto de Química, amandanaves_ufg@yahoo.com.br

Agustina Rosa ECHEVERRÍA, Instituto de Química, agustina@brturbo.com.br

Palavras-chave: Universidade, Autoridade, Grupo de Estudos, Aprendizagem Colaborativa.

Fundamentação teórica

Em 2004 iniciou-se, no Instituto de Química da UFG, a implementação de um novo Projeto Pedagógico de Curso elaborado para atender as novas Diretrizes Curriculares para os cursos de formação (BRASIL, 1996) e resoluções provenientes do Conselho Nacional de Educação (CNE) (Brasil, 2002), além de incorporar a experiência própria, na formação dos alunos de graduação desse instituto. Em discussões pedagógicas posteriores do Conselho Diretor surgiram reflexões a respeito do baixo desempenho, de grande parte dos alunos, nas provas do processo seletivo para o Mestrado em Química. Deficiências no domínio de conceitos considerados básicos levaram à constatação de uma grande fragilidade na formação inicial. A partir de então começaram a ser pensadas medidas a fim de superar essas deficiências (ECHEVERRÍA, BENITE, SOARES, 2010).

Dessa forma, no ano de 2005, foi criado o Grupo de Estudos entre alunos ingressantes e veteranos (GE), cujos objetivos centrais eram:

- * Criar espaços não formais de pesquisa e discussão no ambiente universitário;

- * Compreender as idéias que alunos recém-ingressantes na universidade têm a respeito da ciência e do conhecimento científico;

- * Identificar dificuldades de aprendizagem desses alunos calouros;

- * Promover discussões conceituais entre futuros profissionais da química. (RIBEIRO Jr.; ECHEVERRÍA, 2009, p. 135).

O GE caracteriza-se como um espaço para discussão conceitual, onde a participação de seus integrantes é totalmente voluntária. Esse tipo de atividade baseia-se no estudo entre pares, muito difundido na Europa, diferenciando-se no

fato que o trabalho do IQ-UFG tem por finalidade a ressignificação da vida universitária (RIBEIRO Jr.; ECHEVERRÍA, 2009).

O funcionamento do GE ocorre da seguinte forma: os alunos veteranos apresentam aos calouros uma proposta de estudo e discussão de determinados conceitos científicos após o qual, de comum acordo, se decide levá-la adiante ou substituí-la por outra apresentada pelos calouros. As discussões não permanecem somente no âmbito teórico, realizam-se práticas e discussões de outro caráter que auxiliam na adaptação dos calouros à universidade.

As reuniões dos GE são coordenadas pelos alunos veteranos, uma vez que cabe a eles organizar as reuniões, preparar as atividades e os ambientes das reuniões, selecionar os conteúdos, estabelecer horários e requerer todos os materiais necessários para o desenvolvimento das atividades. Ao professor formador cabe orientar os alunos veteranos antes das reuniões destes com os calouros. A fim da minimização da hierarquia e para promover mais a participação dos calouros, estabeleceu-se que os professores formadores não participariam diretamente das reuniões com os calouros.

Essas reuniões são compostas por três momentos distintos: entre professores formadores e alunos veteranos, entre os alunos veteranos e finalmente entre os veteranos e os calouros.

Desde a sua existência no IQ-UFG, já foram observar algumas características do GE, bem como alguns benefícios que ele traz às partes que o compõem (RIBEIRO Jr.; ECHEVERRÍA, 2009) e quanto ao estudo sobre a elaboração conceitual, que é o objetivo central do GE, e forma como esta era construída (BARROS F.; SILVA; CÂNDIDO, 2010).

Dentre todos os processos envolvidos no desenvolvimento de uma sociedade, um dois mais importantes é o educativo. Apesar de várias concepções a respeito dele, de forma geral entendemos que ele objetiva sempre a apropriação do conhecimento propriamente dito e a capacidade da construção do ser moral, através da leitura de si e do mundo ao redor (DAVIS, LUNA, 1991). Partimos do pressuposto que este processo não se realiza de modo solitário e sim na coletividade. Sempre haverá uma mediação dos sujeitos mais experientes. A esses cabem participar da formação e até orientá-la, de modo que a aprendizagem e o desenvolvimento sejam os objetivos centrais (ROURE, 2009).

Aqui emerge a discussão a respeito da autoridade como categoria fundamental no caminho da enculturação. Diferente das noções cotidianas que confundem autoridade com autoritarismo, esta pode ser definida como uma qualidade deferida a alguém em decorrência do reconhecimento da habilidade do mesmo. Nesse sentido, o poder da autoridade assentasse sob relações livres e de confiança, cuja finalidade é reconhecida pelos sujeitos da relação e é referente ao compromisso com a formação de consciências autônomas.

Nessa questão surgem dois tipos de autoridade: a liberal, “que faz uso do poder e da habilidade que possui para, em um certo sentido, se subordinar àqueles que estão sob sua influência, ligando sua sorte a dos mesmos e perseguindo um fim comum” (LABERTHONNIÈRE, 1924, p. 30), e a autoritária, “que serve do poder e da astúcia de que dispõe para subordinar os outros a seus fins particulares, buscando unicamente impor-se aos demais para desfrutar das vantagens derivadas do poder” (p.30). A partir delas surgem então a obediência libertadora e a obediência servil, conseqüentemente. O objetivo maior da autoridade no processo educativo é a busca pela formação de um ser autônomo e comprometido com a autonomia dos demais consciências (DAVIS, LUNA, 1991).

Nos trabalhos entre pares, os indivíduos mais experientes tendem a assumir papel de dirigentes ou de intermediários no processo de desenvolvimento dos iniciantes, mantendo relações assimétricas como consequência disso e não pelo estabelecimento de hierarquia. Pode se considerar isso um fator positivo, pois a aprendizagem é o processo de introdução dos aprendizes em uma cultura por meio dos membros mais experientes, e com isso os aprendizes tornam-se capazes da construção do próprio pensamento (VIGOTSKI, 2001). Da mesma maneira que o veterano assume esse papel durante as discussões, o professor formador também assume na elaboração das discussões. Vemos então, momentos distintos de autoridade presente no papel do veterano. Ao tempo que ele exerce a autoridade nas reuniões, ele também é subordinado na elaboração das mesmas.

Objetivos

O presente trabalho tem como objetivo de pesquisa a análise de um aspecto que o GE apresenta: a questão da autoridade, bem como a maneira em que ela esta presente a fim do alcançar os objetivos centrais do mesmo.

O GE, como espaço de formação alternativa, apresenta também essas relações de autoridade em seus diferentes momentos de preparação. É nesse

âmbito que se procura estabelecer a presenças ou não das relações de autoridade, e de que forma elas contribuem para o alcance dos objetivos do GE.

Metodologia

A presente pesquisa caracteriza-se com uma pesquisa de caráter qualitativo, de cunho interpretativo, baseada em experiências vividas, e visando possibilidades formativas através de referenciais sócio-históricos. Fundamenta-se na dialética proposta por Hegel e na análise do discurso, assumindo como referenciais teóricos Bakhtin e Vigotski.

Resultados e Discussão

- Há certa confiabilidade e reconhecimento do GE, uma vez que calouros de um grupo, por vezes, se tornam veteranos na constituição do próximo;

- A participação de todos os integrantes demonstra um processo de tomada de consciência da responsabilidade do aluno no processo educativo, visto que, o único retorno aos participantes é o crescimento intelectual, salvo no ano de 2009 em que a participação no GE foi vinculada a notas de uma disciplina. Tal fato desconfigurou a atividade. A autoridade conferida aos veteranos pelos calouros se converteu em uma relação autoritária, uma vez que um poder externo foi introduzido na relação se transformando em instrumento de controle (a nota);

- O padrão de interação predominante nas reuniões do GE se caracteriza por uma interatividade altamente dialógica, o que vai ao encontro das idéias de Vigotski e Bakhtin que concebem como fundamental e necessária a participação do outro na construção dos significados;

- Existe sim um tipo de hierarquia no GE, no entanto, não é de caráter institucional, nem autoritário, o que rompe com o modelo de escola no qual existem instâncias preestabelecidas. Isso favorece a partilha de conhecimentos dos envolvidos e provoca um ciclo de situações em que ora um membro do grupo é tutor, ora aprendiz.

- No GE os veteranos assumem papel de dirigentes, no entanto a voz e a participação dos calouros são, a todo o momento, estimuladas como condição necessária para o bom andamento das atividades.

Conclusão

A participação de sujeitos mais experientes e o reconhecimento de objetivos comuns a todos são condições *sine qua non* para o estabelecimento de uma autoridade libertadora, a única capaz de contribuir para a formação de um indivíduo

autônomo e não servil. o GE, enquanto espaço de discussão conceitual e socialização, traz em sua essência essa probabilidade, a fim de contribuir com o processo formativo na universidade.

Referências Bibliográficas

BRASIL, *Lei nº9394*, de 20 de dezembro de 1996, Estabelece as diretrizes e base da educação nacional, Disponível em <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L9394.htm>> Acesso em maio de 2011.

__ *Resolução CNE/CES 8*, de 11 de março de 2002, Estabelece as Diretrizes Curriculares para os cursos de Bacharelado e Licenciatura em Química, Disponível em <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES08-2002.pdf>, Acessado em maio de 2011.

DAVIS, C.;LUNA, S. *A questão da autoridade na educação*. Cad. Pesq. (76), fevereiro, 1991.

ECHEVERRÍA, A.R.; BENITE, A.M.C.; SOARES, M.H.F.B.; A Pesquisa na Formação Inicial de Professores de Química – A experiência do Instituto de Química da Universidade Federal de Goiás. In: ECHEVERRÍA, A.R.; ZANON, L.B. (Org.). **Formação Superior em Química no Brasil: Práticas e Fundamentos Curriculares**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2010, p.25-46.

LABERTHONNIÈRE, L. *Teoria dell'educazione e saggi minori*. Firenze, Vallecchi, 1924.

RIBEIRO JR, R. M.; ECHEVERRÍA, A. R. Grupo de Estudos entre Estudantes Ingressantes (Calouros) e Veteranos: Uma Perspectiva Alternativa de Estudo e Discussão na Universidade. *Química Nova na Escola*. v.31, n.2, p.132-139, 2009.

ROURE, S. A. G. de, *A autoridade na educação contemporânea*. Goiânia, Editora UFG, 2009.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 496 p

Fonte Financiadora

PROGRAD - UFG